

FLAGRANTES DA REESCRITURA MACHADIANA DA TRADIÇÃO CATÓLICA

Therezinha Zimbrão (UFJF)

MATRAGA 12, 1999

Este ensaio constitui-se como um pequeno recorte de uma proposta maior de análise do diálogo de Machado de Assis com a tradição religiosa em termos da sua reescritura. Neste recorte, analisaremos um dos momentos mais expressivos da reescritura machadiana desta tradição, que é o momento representado pelo diálogo de Machado de Assis com o catolicismo nas páginas iniciais de *Esaú e Jacó*. Ora, esse romance justamente concentra, então, um conveniente número de alusões à religião católica, além de concentrar, ainda no próprio título, a alusão maior. Nossa proposta é, desde já, confirmar que a tradição religiosa é em maior ou menor grau modificada quando reescrita por Machado de Assis e interpretar tais modificações como sendo conseqüentes do processo de atualização dessa tradição para um outro contexto muito distinto do contexto original.

Nas páginas iniciais do romance *Esaú e Jacó* lemos sobre a consulta de uma dama da alta sociedade fluminense do segundo oitocentos a uma popular adivinha. Essa dama de nome Natividade, acompanhada da sua irmã Perpétua, saíra da sua casa no elegante bairro de Botafogo e subia, magoando os pés no "íngreme", "desigual" e "mal calçado da ladeira", ao suburbano Morro do Castelo. Afinal, era lá no alto, em uma casa a ser alcançada por uma "escadinha estreita" e "sombria", que reinava a adivinha tão consultada por todos. E é o próprio pai desta quem vemos receber Natividade e Perpétua, que são em seguida apresentadas à filha: uma moça muito jovem de nome Bárbara.

Ora, principiemos por notar o quanto essa nomeação revela-se sugestiva em termos do diálogo machadiano com a religião católica se considerarmos a história desta Bárbara como reescritura da história de uma outra Bárbara: a da santa católica que foi trancada no alto da torre de um castelo por seu pai pagão por ter se convertido ao cristianismo e aos seus milagres¹. E de fato, nos tempos em que o paganismo ainda era a religião oficial, um romano, ao descobrir que a sua filha praticava uma religião marginal, decidiu por isolá-la do convívio de todos.

Na tradução desta história para o contexto brasileiro do oitocentos importava considerar que o catolicismo havia sido há muito tempo elevado à condição de religião oficial. É compreensível, portanto, que Bárbara, como praticante de uma crença marginalizada, seja nesta versão machadiana uma popular adivinha e não mais uma mártir católica. E, de fato, vemos santa Bárbara, filha de um romano pagão, moradora de um castelo, transformar-se, então, na adivinha Bárbara, filha de um simples homem do povo, moradora do suburbano Morro do Castelo.

Quanto ao pai, ao saber dos poderes milagrosos da filha, não mais a condena ao isolamento em uma torre como na história original. Não sendo rico, precisando ganhar dinheiro e vivendo em tempos modernos cada vez mais seculares, esse outro pai decide por tirar proveito econômico das adivinhações da filha. Assim, vemo-lo abrir com cortesia as portas da sua respectiva "torre", situada bem lá no alto deste outro "Castelo" e receber ele mesmo a clientela de quem cobra modernamente a consulta.

Ora, essas *modificações* entre o original e a versão são sugestivas do quanto Machado de Assis na sua reescritura submeteu a história da jovem Bárbara a um processo constante de *atualização*. Tanto que a história "sublime" e "sagrada" de uma santa católica transforma-se na história moderna, "prosaica" e "profana" de uma adivinha que vive de cobrar por seus milagres. Comparece, portanto, na versão machadiana, o registro do importante índice de modernidade representado pela secularização da tradição religiosa. Um processo já bem avançado no oitocentos e do qual nem mesmo o Brasil, um jovem país que persistia como sendo dos mais místicos, conseguira escapar.

Notemos que a persistência do misticismo brasileiro, um índice da nossa identidade cultural, comparece registrada em termos não só na fé dos clientes que consultavam o oráculo, como também na sinceridade de pai e filha. Afinal, em nenhum momento esses personagens são descritos de modo a sugerir qualquer traço de hipocrisia, nem mesmo no detalhe secular da cobrança da consulta.

Mas notemos ainda que esse misticismo está sendo também considerado na forma do sincretismo religioso-racial do país, um outro índice da nossa identidade cultural que Machado de Assis também veio registrar nessas páginas iniciais de *Esaú e Jacó*. A começar pelo fato de vermos uma senhora *católica* consultar uma *adivinha*, que, por sua vez, vem a ser uma *cabocla*, a qual tem o mesmo nome de uma santa do *catolicismo* do *branco europeu*, sendo que essa santa Bárbara é justamente uma dentre aquelas a ter um correspondente sincrético na religião *afro-brasileira*: o orixá Iansã. E, para terminar, vemos ainda que esta *adivinha cabocla* usa um raminho de arruda (uma espécie de *amuleto* contra má sorte difundido particularmente entre os *negros*), além de *catolicamente* conservar o retrato de Nossa Senhora da Conceição na própria parede do cômodo onde realiza o ritual oracular que será suprido com a fumaça do cigarro que ela acende e com a cantiga de temática *africana* cantada na viola pelo pai também *caboclo*.

Assim, se é verdade que nesta reescritura machadiana da história da jovem Bárbara a secularização está sendo considerada, também é verdade que o persistente misticismo local não o está menos. Ambos são postos em contraditória convivência e notemos que terminam por se atenuar reciprocamente. Afinal, nem o tom secular, nem o místico dominam de todo a cena.

Notemos ainda que Machado de Assis está esboçando daí o quadro cultural de um Brasil que não é tão católico, nem tão branco como então se queria, um quadro onde estamos vendo

esses elementos europeus, identificados à cultura oficial, comparecerem em sincretismo com a marginalizada cultura popular. O seu texto assume, portanto, raízes até então “inconfessadas” da identidade cultural brasileira, o que demonstra a dimensão crítica do pensamento machadiano em relação às idéias dominantes no Brasil do oitocentos.

Todavia, a história de santa Bárbara não é a única a ser reescrita por Machado de Assis. O próprio título do romance, *Esaú e Jacó*, sugere que esse seja lido como reescritura da história dos gêmeos bíblicos. E eis que o momento mais expressivo desta reescritura comparece justamente nestas páginas machadianas iniciais, pois é quando vemos Natividade, ao consultar o oráculo da adivinha, ouvir a decisiva *profecia* sobre o futuro de seus filhos, também gêmeos, nascidos há pouco mais de um ano.

Mas lembremos antes a história original de Esaú e Jacó: Isaque, tendo orado a Deus por sua mulher estéril, teve suas preces atendidas e Rebeca deu, então, à luz os gêmeos Esaú e Jacó. Durante a gravidez, ao sentir que “os filhos lutavam no ventre dela”², a futura mãe decidiu consultar o Senhor, que a esclareceu com uma *profecia* a respeito de dois povos rivais que dela iam nascer e que desde o ventre já brigavam pelo direito à primogenitura.

Ora, na tradução dessa história para o contexto brasileiro do oitocentos, algumas *modificações* significativas se impuseram. De fato, principiemos por notar que Rebeca pode consultar o próprio Senhor sobre o futuro de seus filhos, enquanto Natividade teve que recorrer a uma adivinha. Machado de Assis parece ter considerado que, diferentemente dos tempos bíblicos, nos tempos modernos, cada vez mais seculares, Deus já não falava mais *diretamente* ao seu povo, tornando-se necessário, portanto, na profana reescritura desse episódio da *Sagrada Escritura*, oferecer à Natividade a intermediação pouco bíblica e muito mais pagã de um oráculo. Afinal, essa era uma *modificação* em relação ao texto original que estava em perfeito acordo com a religiosidade sincrética do povo brasileiro e de sobra, possibilitava ainda a aproximação machadiana (que já descrevemos em um trabalho anterior³) com a tradição oracular na forma de uma adivinha cabocla relacionada pelo narrador à Pítia grega. Assim, secularização de um lado e sincretismo religioso de outro são dois importantes índices da moderna identidade brasileira, que vemos serem constantemente registrados por Machado de Assis nesta sua reescritura.

Notemos que uma outra significativa *modificação* em relação ao texto original comparece no detalhe de a consulta de Natividade ser posterior ao nascimento dos gêmeos, enquanto a consulta de Rebeca havia sido anterior. Como vimos, é porque Rebeca sente os filhos lutando no seu ventre que recorre ao Senhor. Quanto à Natividade, ela também sentira “movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônia”⁴, mas nos tempos modernos era o caso de se recorrer a um médico e não a um oráculo. A reescritura machadiana parece, então, considerar que a gestação já se tornara no oitocentos um assunto para a medicina. Explicações metafísicas sobre os sofrimentos físicos da gravidez destoavam do secular espírito positivista.

Além do mais, parece ter sido também considerado que essa outra mãe, uma dama da mais alta e moderna sociedade fluminense, tanto se ressentiria por causa dos bailes e festas de que se veria obrigada a se privar, que diferentemente da mãe bíblica, somente iria se preocupar com o futuro dos filhos a ponto de consultar um oráculo depois que estes nascessem. E de fato, lemos que a primeira sensação de Natividade foi a de que a gravidez iria "deformá-la por meses, obrigá-la a recolher-se, pedir-lhe as noites, adoecer dos dentes e o resto"⁵, seu amor materno só veio a ser despertado de todo muito depois. Vemos, portanto, que nesta reescritura machadiana, os sentimentos da mulher em relação à maternidade foram também *atualizados* do contexto bíblico para o contexto moderno.

Notemos, por fim, as *modificações* a que a própria profecia veio a ser então submetida. Ora, lemos nessas páginas iniciais de *Esaú e Jacó* que Natividade só conseguiu tirar da adivinha palavras vagas relativas a "cousas futuras", tais como:

"Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir...Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhes digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras!"⁶

Já o Senhor foi bem mais preciso em sua profecia. Tanto que quando diretamente consultado por Rebeca, respondeu Ele:

"Duas nações há no teu ventre

Dois povos nascidos de ti se dividirão:

um povo será mais forte que o outro,

e o mais velho servirá ao mais moço."⁷

Mas, mesmo diferindo em objetividade, o fato é que cada uma destas profecias veio a ser objetiva o *suficiente* para atender a pergunta que dentro de si traziam estas duas mães tão distantes no tempo e no espaço. De fato, à Rebeca, uma mãe dos tempos bíblicos, preocupava saber qual dos filhos gêmeos, dado o costume da primogenitura, seria grande e glorioso, ou seja, receberia a benção do marido e o direito de ser o primogênito - no que ela foi prontamente atendida com a revelação divina da própria inversão do costume: o que nascera primeiro, Esaú, serviria Jacó, que nascera depois.

Quanto à Natividade, sua preocupação pelos filhos veio a se dar diferentemente a de Rebeca. Afinal, Natividade era uma mãe dos tempos modernos, dos tempos de democracia e de igualdade de todos - ou quase todos, considerando o caso do Brasil escravocrata. Machado de Assis parece ter considerado na sua reescritura que, estando o costume da primogenitura já quase abandonado, não seria suficiente à Natividade o antigo benefício de um único filho, mas somente a moderna grandeza democrática dos dois - no que também esta outra mãe foi

prontamente atendida com a revelação de que *ambos* os seus filhos seriam grandes e gloriosos.

Notemos ainda que Natividade, de tão contente com parte da profecia, não deu de imediato importância à outra parte, ou seja, a de que os gêmeos cá fora também brigariam. Afinal, esta informação não era muito útil para as ambições maternais dentro de um contexto moderno tão diferente do bíblico. Já no *Gênesis* vemos Rebeca, diferentemente de Natividade, manter bem viva em sua memória essa parte da profecia, inclusive ajudando o mais novo a se fazer passar pelo mais velho e assim conseguir astutamente do pai a bênção da primogenitura.

Ora, essas *modificações* entre o texto original e a versão machadiana são sugestivas do quanto o escritor brasileiro veio a *atualizar* essas páginas da *Bíblia* na sua reescritura oitocentista. Tanto que vemos a história “sublime” e “sagrada” da discórdia bíblica entre dois irmãos transformar-se então na história “prosaica” e “profana” da discórdia moderna entre dois irmãos. Na verdade, ao escrever o seu romance a partir da reescritura de páginas tão tradicionais como as da *Bíblia*, Machado de Assis consegue o interessante efeito de atenuar o prosaísmo da sua história. Afinal, nada como o prestígio que um retoque “sublime” e “sagrado” pode dar a um moderno quadro “prosaico” e “profano”.

Mas a *Bíblia* não é o único livro que comparece sensivelmente *atualizado* da tradição católica para o contexto de *Esaú e Jacó*: ao antiquíssimo capítulo do *Gênesis* vemos somar-se ainda, concentrados nestas páginas machadianas iniciais, alguns dos versos da medieval *Divina Comédia*, a começar pela própria epígrafe do romance, “Dico che quando l’anima mal nata...”, uma apropriação do canto V do *Inferno* dantesco⁸. Notemos que esse verso comparece em Dante como uma alusão ao determinismo religioso e metafísico prestigiado na Idade Média: o da predestinação divina. Segundo este determinismo, já estava decidido antes mesmo do nascimento, a salvação ou não de uma *alma*. Ao ser apropriado para o contexto brasileiro positivista e escravocrata do final do oitocentos, o mesmo verso passa a aludir a um outro determinismo, desta vez científico e materialista, muito mais atual e de maior prestígio na Idade Moderna: o da raça. Segundo este outro determinismo, por ter nascido negro, um *corpo* estava condenado à servidão.

Notemos que Machado de Assis, ao colocar esta epígrafe em um livro cuja autoria entrega ao diplomata e conselheiro Aires, está explicitando os preconceitos sociais da classe dominante brasileira. Trata-se na verdade, como diria Roberto Schwarz, de “um livro escrito contra o seu pseudo-autor”⁹.

Eis que algumas páginas depois desta epígrafe dantesca lemos que, terminada a consulta oracular reveladora do destino grandioso dos gêmeos, as duas senhoras, muito contentes, desceram rapidamente o Morro do Castelo, descobrindo, então, que esse morro que elas haviam subido tão penosamente, como se fosse mesmo uma penitência, era na verdade, “melhor de descer que de subir”¹⁰.

Ora, se lemos em *Esaú e Jacó* sobre o Morro do Castelo, a ser subido penitenciosamente, na *Divina Comédia* lemos sobre um outro Morro, o próprio Purgatório, a ser também subido como penitência. Só que ao contrário do morro machadiano, que já sabemos ser “melhor de descer que de subir”, no morro dantesco o melhor é a subida pois, segundo Dante, ali “quem mais sobe acha menos resistência”¹¹. Vemos, portanto, que o título do segundo capítulo de *Esaú e Jacó*, “melhor de descer que de subir”, admite-se como uma inversão do verso dantesco “quem mais sobe acha menos resistência”¹².

Esta inversão é sugestiva do quanto a reescritura machadiana, ao procurar as atuais proporções na tradução do sagrado Morro do Purgatório no profano Morro do Castelo, veio então a *modificar* o texto original. A ultrapassada metafísica medieval de Dante é substituída pela física moderna de Newton que ao considerar a gravidade desautoriza o verso dantesco e autoriza a versão machadiana de que é mais fácil para um corpo a descida do que a subida. Principalmente se, segundo o narrador, esse “corpo” estava apreensivo ao subir e alegre ao descer.

Realmente, lemos que esse “corpo” estava de tal modo alegre com a profecia, que, ao ouvir alguém pedir a esmola para a missa das almas, deitou à bacia do pedinte “uma nota de dois mil-réis, nova em folha (...) para as almas do purgatório”¹³. Essa cena da esmola, a princípio tão exemplar da piedade católica, por causa do profano detalhismo monetário com que é descrita, termina por ter a sua atmosfera mística diluída na financeira.

Notemos que a referência explícita ao “purgatório” é das mais sugestivas da aproximação entre o machadiano Morro do Castelo e o dantesco Morro do Purgatório. Notemos, também, que a referência explícita à “alma” admite-se como uma reiteração à epígrafe, embora ali sejam as almas do *Inferno* e aqui as do *Purgatório*. Mas lembremos que o positivismo da ciência oitocentista havia retirado a autoridade da teologia católico-escolástica em que fora baseada a obra de Dante. Em conseqüência, os limites estipulados pelo escritor entre o *Inferno*, o *Purgatório* e o *Paraíso* tornaram-se aquela altura ultrapassados e portanto, o que passa a importar de fato para esta reescritura moderna é que as almas vieram todas das páginas tradicionais da *Divina Comédia*. Vemos assim, Machado de Assis se servir constantemente do prestígio da tradição para atenuar o prosaísmo do seu romance.

Em suma, nesta nossa análise do diálogo machadiano com a tradição católica, confirmamos o quanto essa tradição, ao ser reescrita para um contexto moderno muito distinto do contexto original, veio a ser submetida a um processo constante de *atualização*.

NOTAS:

1. A aproximação entre as histórias das duas Bárbaras já foi sugerida - em termos de influência e não de reescritura - por Helen Caldwell. In: *Machado de Assis: The Brazilian Master and his Novels*. Berkeley: University of California Press, 1970, p.177.

2. *Gênesis* 25.22.
3. SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. "Machado de Assis e a Reescritura da Tradição Clássica", comunicação apresentada na *X Semana de Estudos Clássicos* realizada na UFJF de 6 a 10 de outubro de 1997.
4. MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, vol. I, p.949.
5. MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p. 956.
6. MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p. 950.
7. *Gênesis* 25.23.
8. DANTE ALIGHIERI. *Inferno*. Trad. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Ediouro, Canto V, linha 7.
9. SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis: Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1990, p. 78 (Schwarz refere-se às *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mas também afirma que o esquema é válido para todos os romances machadianos da chamada segunda fase).
10. MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p.950.
11. DANTE ALIGHIERI. *Purgatório*, Canto IV, linha 90.
12. A aproximação entre as frases dantesca e machadiana já foi sugerida - em termos de influência e não de reescritura - por Helen Caldwell. In: *Machado de Assis: The Brazilian Master and his Novels*, p.167.
13. MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*, vol. I, p. 950.